

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL NA ÁREA DE SAÚDE: ENFERMAGEM

**PERFIL DO DOCENTE DE UMA ESCOLA DE NÍVEL TÉCNICO DE
ENFERMAGEM NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE**

ELIZETE RODRIGUES BRAGA

Confins
2012

ELIZETE RODRIGUES BRAGA

**PERFIL DO DOCENTE DE UMA ESCOLA DE NÍVEL TÉCNICO DE
ENFERMAGEM NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, da Universidade Federal de Minas Gerais, Polo Confins, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Miguir Terezinha V. Donoso.

Braga, Elizete Rodrigues.
B813p Perfil do docente de uma escola de nível técnico de enfermagem na região metropolitana de Belo Horizonte [manuscrito]. / Elizete Rodrigues Braga. – Confins: 2012.
38f.

Orientadora: Miguir Terezinha V. Donoso.
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem (CEFPEPE) da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Especialista.

1. Enfermeiro Docente. 2. Educação Técnica em Enfermagem. 3. Dissertações Acadêmicas. I. Donoso, Miguir Terezinha V. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título

NLM: WI 100.4

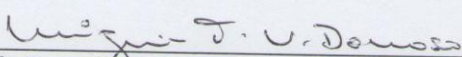
FOLHA DE APROVAÇÃO

Elizete Rodrigues Braga

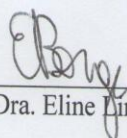
PERFIL DO DOCENTE DE UMA ESCOLA DE NÍVEL TÉCNICO DE ENFERMAGEM NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

Trabalho apresentado ao Curso de
Especialização em Formação Pedagógica em
Educação Profissional na Área da Saúde:
Enfermagem – CEFPEPE, da Universidade
Federal de Minas Gerais. Polo Confins.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Miguir Terezinha Vieccelli Donoso (Orientador)



Profa. Dra. Eline Lima Borges

Data de aprovação: 03/02/ 2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus; a toda minha Família pelo incentivo e apoio; meus filhos João Pedro e Ana Paula, ao meu marido Paulo Gomes, minha mãe que muito me ajuda e amo incondicionalmente. Em especial minha orientadora Profa. Dra. Miguir Terezinha V. Donoso que muito me ajudou, e com muito carinho a tutora Mardem com quem muito aprendi.

RESUMO

Estudos do perfil de docentes subsidiam reflexões sobre possíveis fragilidades dos mesmos, contribuindo assim com a melhoria do ensino. Desta forma, este trabalho teve como objetivo analisar o perfil dos docentes de uma escola de nível técnico em Enfermagem na região metropolitana de Belo Horizonte, bem como pontuar as principais características dos mesmos. Realizou-se pesquisa primária de natureza descritiva e transversal, com docentes do curso Técnico de Enfermagem de uma escola de Técnico de Enfermagem em Vespasiano, MG. O Instrumento de pesquisa foi um questionário utilizado no projeto “Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2008, nos oito pólos que compõem o sistema UAB//MEC- UFMG”. Tal questionário tem aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – COEP da UFMG e destina-se à identificação do perfil de docentes de curso Técnico de Enfermagem. A amostra foi constituída por 16 docentes. Os dados foram tabulados em frequência absoluta e frequência relativa. Os resultados indicam que a maioria dos entrevistados era do gênero feminino e com idade de 26 a 35 anos. A maioria era graduada em Enfermagem e estavam adentrando na vida profissional, sendo que quase a metade possuía curso de especialização. A maior parte dos entrevistados não tinha filhos. A religião apresentou-se variada e a maioria possuía renda de um a três salários mínimos. A maioria residia no mesmo município em que se situa a escola, sendo que alguns residiam em outros municípios vizinhos. Conclui-se que o perfil dos docentes do curso em questão apresentou-se variado, porém se percebe alguns fatores dificultadores para o exercício da docência, dentre esses a falta de formação pedagógica e o exercício de outras atividades profissionais, sendo o último um fator que acarreta sobrecarga de trabalho. Sugere-se que novos estudos primários sejam realizados em outras escolas, com uma amostra mais representativa, que possibilitem novas inferências ou reflexões sobre o processo de ensinar em enfermagem.

Descritores: Enfermeiro docente. Educação Técnica em Enfermagem. Ensino de enfermagem.

ABSTRACT

Studies of the profile of teachers subsidize reflections on possible weaknesses of them, thus contributing to the improvement of education. Thus, this study aimed to analyze the profile of teachers in a school of nursing at technical level in the metropolitan region of Belo Horizonte, as well as point out the main characteristics of the same. We conducted primary research of a descriptive nature and transverse, with teachers of the course of a Practical Nursing Practical Nursing School in Vespasian, MG. The survey instrument was a questionnaire used in the project "Analysis of the implementation of CEFPEPE, offered in 2008, the eight poles that make up the system UAB // MEC-UFMG". This questionnaire has been approved by the Ethics in Research - COEP UFMG and is intended to identify the profile of teachers of Practical Nursing course. The sample consisted of 16 teachers. Data were tabulated in absolute frequency and relative frequency. The results indicate that the majority of respondents were female and aged 26 to 35 years. Most were graduate nursing and were entering professional life, and nearly half had a specialization course. Most respondents had no children. Religion presented varied and most had an income of three minimum wages. The majority lived in the same municipality in which the school is located, and some lived in other neighboring counties. It is concluded that the profile of teaching the course in question was presented varied, but can be seen for some factors hindering the exercise of teaching, among them the lack of pedagogical training and exercise of other professional activities, the latter being a factor that causes work overload. It is suggested that further studies be conducted in other primary schools, with a more representative sample, to allow new inferences or reflections on the process of teaching in nursing.

Key - words: Nurse teachers. Technical Education in Nursing. Nursing education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 OBJETIVO.....	10
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	15
5 RESULTADOS.....	17
6 DISCUSSÃO.....	28
7 CONCLUSÃO.....	32
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO 1 – MODELO DO QUESTIONÁRIO.....	36
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	38

1 – INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, inúmeros cursos de formação técnica profissional em enfermagem foram implantados no Brasil. Desta forma, abriu-se um novo campo de trabalho no exercício da docência para os egressos dos cursos de graduação em enfermagem.

A atividade educativa é compreendida como inerente à prática dos profissionais enfermeiros, mesmo os que não trabalham diretamente na área da docência, uma vez que desenvolvem atribuições de supervisão e educação em serviço no dia a dia, as quais podem ser relacionadas ao ato de ensinar.

Em algum momento de sua trajetória profissional, os enfermeiros compartilham situações de ensino, sejam elas informais, como o ensino de um determinado cuidado prestado a um paciente e seu cuidador, ou na educação permanente dos profissionais sob sua responsabilidade, ou ainda no ensino formal dos cursos existentes nos diversos níveis de formação da enfermagem brasileira, como no nível técnico, graduação ou pós-graduação (FERREIRA *et al*, 2011).

Em decorrência do aumento - principalmente nos últimos dez anos - do número de escolas que passaram a oferecer cursos de formação técnica em enfermagem, motivadas inicialmente pelo Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem do Ministério da Saúde (PROFAE/MS) e posteriormente pelo avanço da área técnica profissionalizante no Brasil, abriu-se um campo de trabalho promissor para os egressos dos cursos superiores de enfermagem (FERREIRA JUNIOR *et al*, 2011).

O Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE) foi criado pelo Ministério da Saúde (MS), tendo como objetivo qualificar profissionalmente os trabalhadores da área de Enfermagem e, conseqüentemente, melhorar a qualidade dos serviços de saúde, públicos e privados. Suas atividades tiveram início em 2000, estendendo-se por quatro anos (COSTA *et al*, 2008).

O PROFAE demonstrou, dentre outras facetas, o perfil de educador do enfermeiro. A partir do PROFAE, considera-se que novos olhares foram lançados para o enfermeiro, destacando-se o da docência.

Nos dias atuais, muitos enfermeiros optaram pela docência. Por analogia, os cursos de graduação em Enfermagem deveriam abordar maiores conteúdos voltados para a área pedagógica. Porém, conforme COSTA *et al* (2008) os cursos

de Graduação em Enfermagem têm uma abordagem mais voltada para a assistência, em detrimento de conteúdos relacionados à docência.

A formação pedagógica do enfermeiro que se dedica à docência é fundamental. Segundo Carvalho e Viana (2009), o enfermeiro que procura ter uma formação que contemple também a docência precisa desenvolver competências que permitam uma prática pedagógica na construção do conhecimento, que atue em um currículo integrado, possibilitando ao aluno uma compreensão da ética, da política e da cultura. Sendo assim, faz-se necessário que as escolas invistam na qualificação e no aperfeiçoamento de seu corpo docente. Esse investimento resultará certamente na formação de profissionais com compreensão integral, crítica e reflexiva dos conteúdos curriculares.

Para que as escolas invistam na qualificação de seu corpo docente, faz-se necessário inicialmente conhecer seu perfil.

Desta forma, este trabalho tem o intuito de identificar o perfil dos docentes de uma escola de nível técnico em Enfermagem na região metropolitana de Belo Horizonte.

No momento em que a escola identifica o perfil de seus docentes, a mesma poderá adequar treinamentos, processos de capacitação e realizar outros investimentos nos referidos docentes.

2 – OBJETIVO

Identificar o perfil dos docentes de uma escola de nível técnico em Enfermagem na região metropolitana de Belo Horizonte.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Revedo a história da enfermagem, no que diz respeito ao processo de construção profissional, ocorrido entre o período colonial e início do século XX, foi possível constatar que na época da colonização a enfermagem era exercida com base em conhecimentos puramente empíricos e que os cuidados àqueles que adoeciam eram praticados por religiosos, voluntários leigos e alguns escravos (SCHERER *et al*, 2006).

No Brasil, o ensino de enfermagem iniciou-se oficialmente em 1890, com a promulgação do Decreto n.791, que visava preparar enfermeiros e enfermeiras para trabalhar nos hospícios e hospitais civis e militares, nos moldes da escola existente em Salpêtrière, na França. (GALLEGUILLLOS, OLIVEIRA, 2001).

Ainda segundo Galleguillos e Oliveira (2001), em 1980, o Hospital Nacional dos Alienados necessitava da capacitação de pessoal para realizar os cuidados de enfermagem, foi criada a Escola Alfredo Pinto, no mesmo ano, dirigida por médicos, que também supervisionavam o ensino.

Na avaliação da trajetória da enfermagem na sociedade brasileira, é necessário considerar inicialmente que os diversos momentos da vida do país resultaram do jogo de forças políticas, econômicas e ideológicas que também configuraram a organização sanitária de cada época, e que não se estruturaram apenas para atender às necessidades da população, mas resultaram da concorrência entre os vários grupos sociais que formavam o sistema produtivo e que apresentavam demandas divergentes entre si (BARREIRA, 1999). Essa questão é corroborada por Ito *et al* (2006), que consideram que o ensino de enfermagem no país passou por várias fases de desenvolvimento ao longo dos anos, tendo acontecido como reflexo de cada mudança no contexto histórico da enfermagem e da sociedade brasileira.

No Brasil, vivenciamos a atuação ao longo dos anos pelos então atendentes de enfermagem. Segundo Oliveira, Lampe, Martins e Miyashiro (2002), atendentes de enfermagem e assemelhados passaram a integrar legalmente o quadro de enfermagem apenas em 1976, por meio da Resolução COFEN-18/76. A lei vigente na época, nº 2604/55, que dispunha sobre o exercício profissional da enfermagem, não havia incluído esses trabalhadores.

Na área de ensino era criado, através do Parecer nº 75/70, o curso intensivo de Auxiliar de Enfermagem em regime experimental. Esse curso exigia a conclusão do 1º ciclo para a matrícula, era desenvolvido em um período letivo único de 11 meses, em tempo integral, e oferecia unicamente as disciplinas profissionais específicas. O curso intensivo havia sido solicitado insistentemente pela ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem) como uma solução transitória e de emergência, para resolver a crise gerada pelo déficit de pessoal habilitado, déficit esse apontado pelo estudo "O plano nacional de saúde e os profissionais de enfermagem". Apesar disso, a institucionalização do curso intensivo de Auxiliar de Enfermagem não recebeu o apoio unânime de todos os conselheiros do Conselho Federal de Educação (CFE), isso porque alguns deles defendiam a elevação gradual e progressiva do nível do Auxiliar de Enfermagem até que, num prazo de 10 anos, só houvesse dois níveis de profissionais de enfermagem: técnico e superior (BRASIL, 1970).

Em 1986, o técnico de enfermagem é regulamentado (KOBAYASHI, LEITE, 2004). Segundo estes autores, na área de saúde, o técnico de enfermagem é um profissional existente desde 1966, quando foi criado o primeiro curso na Escola Ana Néri, porém, a regulamentação para o exercício profissional somente veio a ocorrer efetivamente em 1986, com a Lei nº 7.498/86, regulamentada pelo Decreto-Lei nº 94.406/87.

Atualmente, a formação do profissional técnico de enfermagem vem constituindo uma ampla área de trabalho do enfermeiro. Muitos se formam e vão diretamente atuar na docência.

O Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional e Enfermagem foi desenvolvido, inicialmente, pelo Núcleo de Apoio ao Docente da UFMG, no âmbito do PROFAE, como resultado de esforço conjunto do Ministério da Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz- (FIOCRUZ), Universidades Brasileiras e especialistas das áreas de saúde e educação. O Curso atendeu e pretende continuar atendendo à formação de formadores em Enfermagem para propiciar o desenvolvimento da competência humana formal e política, nos alunos de nível médio de Enfermagem, necessária ao trabalho e cumprindo os preceitos constitucionais no que tange aos direitos dos cidadãos e ao dever do Estado brasileiro. O curso está sendo oferecido, junto ao Centro de Apoio de Educação a Distância – CAED/, por meio da Universidade

Aberta do Brasil que está estimulando a oferta de Cursos na modalidade de educação à distância, vinculados aos pólos municipais de apoio presencial de: Araçuaí, Campos Gerais, Conselheiro Lafaiete, Corinto, Formiga, Governador Valadares, Teófilo Otoni, Uberaba (UFMG, 2008).

Os objetivos do Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional e Enfermagem (CEFPEPE), segundo a Universidade Federal de Minas Gerais (2008), consistem em:

- realizar a formação pedagógica para docência em curso de educação profissional de nível técnico em enfermagem, adotando a modalidade de educação à distância,
- proporcionar sustentação para as políticas públicas de educação profissional em saúde, investindo na profissionalização dos formadores,
- estimular um desenvolvimento profissional continuado na área de Enfermagem,
- ampliar a oferta de cursos de formação pedagógica para profissionais docentes de educação profissional de nível técnico em saúde, criando oportunidades de aprimoramento e valorização profissional,
- formar docentes em educação profissional de nível técnico em saúde/enfermagem comprometidos com as necessidades sociais em geral e com as de saúde em particular,
- desenvolver uma sólida formação teórico-prática, com bases filosóficas, científicas, técnicas e políticas, para a adoção de uma prática docente crítica, significativa e emancipadora que possibilite ao professor,
- associar uma visão crítica e global da sociedade às competências específicas de sua área de atuação profissional, na perspectiva do atendimento integral e de qualidade,
- escolher e desenvolver formas melhores de atuação, com responsabilidade e ética, no âmbito das práticas educativas e assistenciais em saúde,
- romper, no espaço escolar, com a divisão do trabalho intelectual e manual, promovendo acesso às dimensões culturais e científicas, de modo a evitar as separações entre os que pensam e os que fazem,
- Oferecer, mediante a contribuição de uma equipe multidisciplinar, uma formação pedagógica pautada na reflexão, visando à construção e ao desenvolvimento de projetos político-pedagógicos com base em novas

competências e tecnologias para o ensino de nível técnico em enfermagem e demais subáreas de saúde.

Percebe-se uma mudança significativa no que tange à formação de profissionais de enfermagem nos últimos anos, incluindo os docentes em enfermagem, revertendo na melhoria da assistência de saúde.

4 – PERCURSO METODOLÓGICO

Trata – se uma pesquisa primária de natureza descritiva, transversal, realizado com docentes do curso Técnico de Enfermagem de uma escola de Técnico de Enfermagem em Vespasiano, MG.

A amostra foi por conveniência, uma vez que não foram utilizados cálculos amostrais. O número de docentes contratados pela Escola para lecionar no curso Técnico de Enfermagem contabiliza 16 pessoas. Desta forma, foram utilizados 16 professores.

O Instrumento de pesquisa foi um questionário pertencente ao projeto “ANALISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO CEFPEPE, OFERTADO EM 2008, NOS OITO PÓLOS QUE COMPOEM O SISTEMA UAB/MEC – UFMG” (anexo 1). Este projeto tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – COEP da UFMG.

Variáveis

As variáveis utilizadas estão pontuadas abaixo, com as respectivas categorias:

Variáveis sociodemográficas

- Gênero: masculino e feminino
- Religião: católico; evangélico; espírita; outros.
- Estado civil: casado; solteiro; divorciado; viúvo.
- Idade: < de 20 anos, de 20 a 25 anos; 26 a 30 anos; 31 a 35 anos, 36 a 40 anos; 41 a 45 anos; 46 a 50 anos, > de 50 anos.
- Número de filhos: mais de três filhos; de um a três filhos; não tem filhos.
- Renda mensal: de um a dois salários mínimos; de três a quatro salários mínimos; acima de quatro salários mínimos.
- Residência: própria; alugada; cedida.

Escolaridade

- Nível fundamental: regular; supletivo.
- Nível médio: regular; supletivo.
- Graduação: Sim, não (especifique o curso).

Formação profissional

- Nível técnico: sim, não. (Especifique)

- Graduação: instituição pública; privada.
- Ano de formação: 2002 a 2005; 2006 a 2008; 2009 a 2010

Curso de pós-graduação

- Especialização no CEFPEPE: sim; não.
- Outra especialização: sim; não.
- Mestrado: sim; não.

Experiência profissional

- Já trabalhou como enfermeiro: sim; não.
- Onde trabalhou: hospital; centro de saúde; outro.

Atuação docente

- Carga horária semanal: 40 horas; 20 horas; menos de 20 horas.
- Tempo de exercício na docência: mais de 10 anos; de 05 a 10 anos; menos de 05 anos.

Coleta de Dados

A coleta de dados realizada entre os meses de agosto a outubro de 2011. Foram entrevistados 16 docentes. A devolução dos questionários ocorreu durante os dias 17 a 31 de outubro, no turno da noite às 18h30min horas, onde todos foram devolvidos. Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2).

Tratamento e análise dos Dados

Na análise de dados, o pesquisador procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 166).

Foi realizada uma descrição dos dados utilizando-se frequência absoluta e frequência relativa. Posteriormente, foram comparadas as informações dos questionários respondidos pelos 16 participantes. Esses dados foram discutidos à luz de literatura que abordasse docência em enfermagem

5 – RESULTADOS

As variáveis estudadas foram tabuladas e os resultados alcançados estão apresentados a seguir. Utilizaram-se tabelas e alguns gráficos para melhor compreensão dos mesmos.

Em relação ao gênero, houve predomínio do feminino, uma vez que 13 docentes (81,25%) eram mulheres e 03 (18,75%) eram homens, como ilustra a Tabela 1:

Tabela 1: Gênero dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, Vespasiano, 2011.

Gênero	Valor absoluto	Valor relativo
<i>Masculino</i>	03	18,75%
<i>Feminino</i>	13	81,25%
<i>Total</i>	16	100%

Quanto ao estado civil, 11 docentes eram solteiros e cinco eram casados, como demonstra a Tabela 2. Não houve professores divorciados ou viúvos.

Tabela 2: Estado civil dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem, Vespasiano, 2011.

Estado civil	Valor absoluto	Valor relativo
Casado	05	31,25%
Solteiro	11	68,75%
Divorciado	00	0%
Viúvo	00	0%
Total	16	100%

A idade apresentou-se variada. Observamos que dois docentes encontravam-se na faixa de 20 a 25 anos, sete na faixa de 26 a 30 anos, cinco na de 31 a 35 anos e dois na faixa de 36 a 40 anos. Não houve participantes acima de 40 anos. Esse dado encontra-se ilustrado no Gráfico 1:

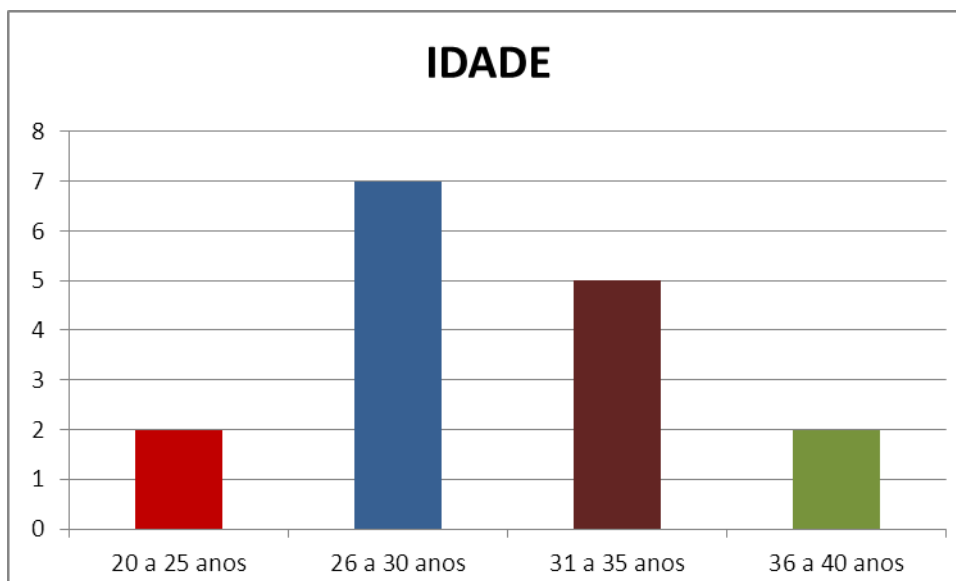


Gráfico 1 – Idade dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem; Vespasiano, 2011.

Em relação ao curso de formação acadêmica, 10 docentes (62,50%) eram graduados em enfermagem, um (6,25%) era graduado em psicologia, um (6,25%) em fisioterapia, um (6,25%) em odontologia, um em biologia e dois (12,5%) eram graduados em outros cursos, como demonstra a Tabela 3:

Tabela 3: Formação acadêmica dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, Vespasiano, 2011.

Formação	Valor absoluto	Valor relativo
Enfermagem	10	62,5%
Psicologia	01	6,25%
Fisioterapia	01	6,25%
Odontologia	01	6,25%
Biologia	01	6,25%
Outros cursos	02	12,5%
Total	16	100%

O tempo em que os docentes concluíram a graduação mostrou-se variado, sendo que dois docentes (12,5%) concluíram a graduação entre 2002 e 2005; cinco (31,25%) concluíram entre 2006 e 2008, três docentes (18,75%) entre 2009 e 2010 e seis docentes (37,5%) não informaram, o que fragilizou esse resultado.

Tabela 4: Tempo de conclusão da graduação dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, Vespasiano, 2011.

Formação	Valor absoluto	Valor relativo
Entre 2002 e 2005	02	12,5%
Entre 2006 e 2008	05	31,25%
Entre 2009 e 2010	03	18,75%
Não informaram	06	37,5%
Total	16	100%

No que se refere a cursos de especialização, obteve-se os seguintes achados: sete docentes (43,75%) possuíam especialização concluída, dois (12,5%) estavam cursando especialização e sete docentes (43,75%) não possuíam e não estavam realizando curso de especialização. Não havia docentes cursando mestrado ou com esta modalidade já concluída.



Gráfico 2 – Existência de pós graduação “*latu senso*” – Curso de Especialização dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem; Vespasiano, 2011.

A escolaridade anterior à graduação – ensino fundamental e ensino médio - foi questionada, uma vez que faz parte do perfil socioeconômico dos participantes. Observou-se que na formação básica, cinco docentes (31,25%) informaram que cursaram o ensino fundamental e o ensino médio de forma regular e onze (68,65%) não informaram esse dado. Não houve informações sobre essas etapas cursadas na modalidade de ensino supletivo. Esses dados estão ilustrados na Tabela 5:

Tabela 5: Modalidade de ensino fundamental e médio cursado pelos docentes de uma escola de técnico de enfermagem.

Modalidade de ensino fundamental e médio	Valor absoluto	Valor relativo
Regular	05	31,25%
Supletivo	00	0%
Não informaram	11	68,65%
Total	16	100%

Questionados sobre existência de curso técnico anterior à graduação, os docentes responderam que três docentes (18,75%) responderam que possuíam formação técnica. Destaca-se que essa formação se deu em outras áreas, sendo um em contabilidade, um em análises químicas e um em secretariado. Dez docentes (62,25%) não possuíam formação técnica e 03 (18,75%) não informaram, como demonstra a Tabela 6:

Tabela 6: Existência de formação de nível técnico no currículo dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem.

Existência de curso técnico	Valor absoluto	Valor relativo
Sim	03	18,75%
Não	10	62,25%
Não informaram	03	18,75%
Total	16	100%

Sobre o tipo de instituição onde os docentes cursaram a graduação, observou-se que 03 docentes (18,75%) são egressos de instituições públicas, 09 (56,25%) são egressos de instituições privadas e 04 (25%) não responderam esse item. O mesmo encontra-se na Tabela 7:

Tabela 7: Tipo de instituição da graduação dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem.

Tipo de instituição onde se cursou a graduação	Valor absoluto	Valor relativo
Pública	03	18,75%
Privada	09	56,25%
Não informaram	04	25%
Total	16	100%

A Tabela 8 refere-se a um segundo curso de graduação, sendo que 12 docentes (75%) possuíam apenas um título de graduação, todos em enfermagem. Um participante (6,25%) possuía dois cursos de graduação) e três não informaram.

Tabela 8: Existência de mais de um curso de graduação dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, 2011.

Existência de mais de um curso de graduação	Valor absoluto	Valor relativo
Apenas um curso	12	75%
Mais de um curso	01	6,25%
Não informaram	03	18,75%
Total	16	100%

Por se tratar de um estudo sobre professores de curso técnico de enfermagem, considerou-se imprescindível questionar a realização de especialização em capacitação pedagógica, especificamente no CEFPEPE. Os resultados demonstraram que nem um dos participantes tem essa modalidade de especialização (Gráfico3):



Gráfico 3 – Existência de pós graduação no CEFPEPE dos docentes questionados em uma escola de técnico de enfermagem; Vespasiano, 2011.

Quanto há outro tipo de pós graduação, sete (43,75%) possuem outra especialização que não a do CEFPEPE, três (18,75%) não possuem e seis não informaram. Destaca-se que não há professores com pós graduação no nível de mestrado ou com mestrado em curso. Esse dado está ilustrado no Gráfico 4:

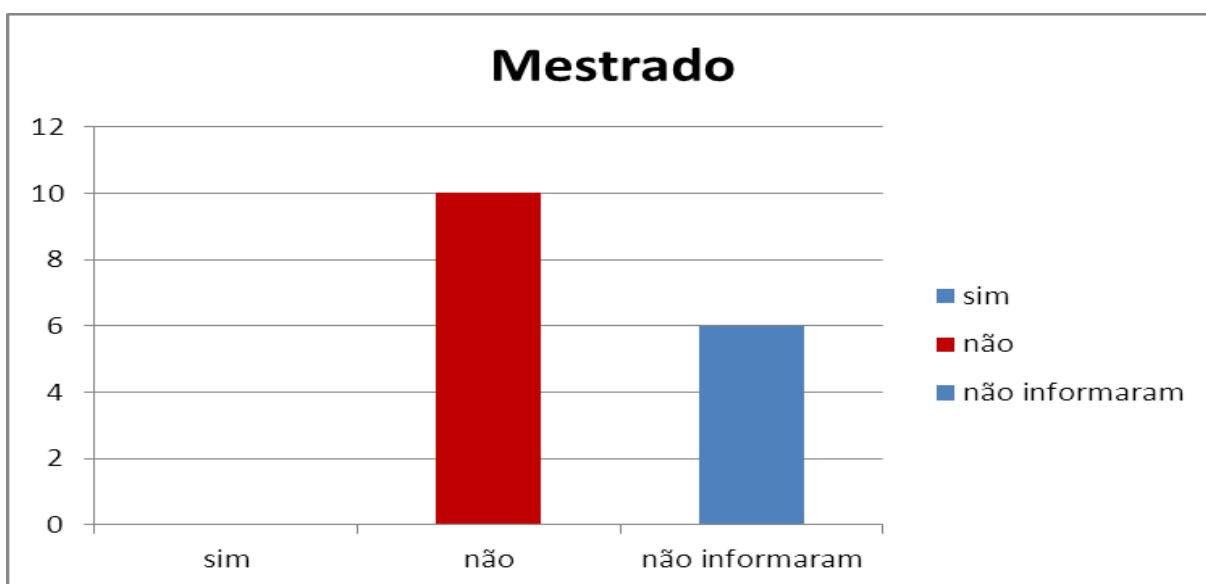


Gráfico 4 – Existência de outra especialização ou mestrado dos docentes questionados em uma escola de técnico de enfermagem; Vespasiano, 2011.

Quando se pesquisa questões sociais e econômicas, o dado tipo de residência dos participantes faz-se imperativo. Neste estudo, detectou-se que 10

(62,5%) possuíam casa própria; cinco (31,25%) moravam em casas alugadas e um (6,25%) referiu que residia em casa cedida, como ilustrado na Tabela 9:

Tabela 9: Tipo de moradia dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, 2011.

Tipo de habitação	Valor absoluto	Valor relativo
Própria	10	62,5%
Alugada	05	31,25%
Cedida	01	6,25%
Total	16	100%

Os recursos na residência apresentaram certa uniformidade. Foram pesquisados os itens telefone fixo, celular, computador, acesso à internet, fax, televisão e assinaturas de jornais e revistas. Observou-se que 12 docentes (75%) possuíam telefone fixo, 16 docentes (100%) possuíam celular, 16 docentes (100%) possuíam computador, 15 docentes (93,75%) possuíam acesso à internet, dois (12,5%) possuíam fax, 16 (100%) possuíam televisão e cinco (31,25%) assinavam revistas e/ou jornais. Esses dados estão demonstrados no Gráfico 5:

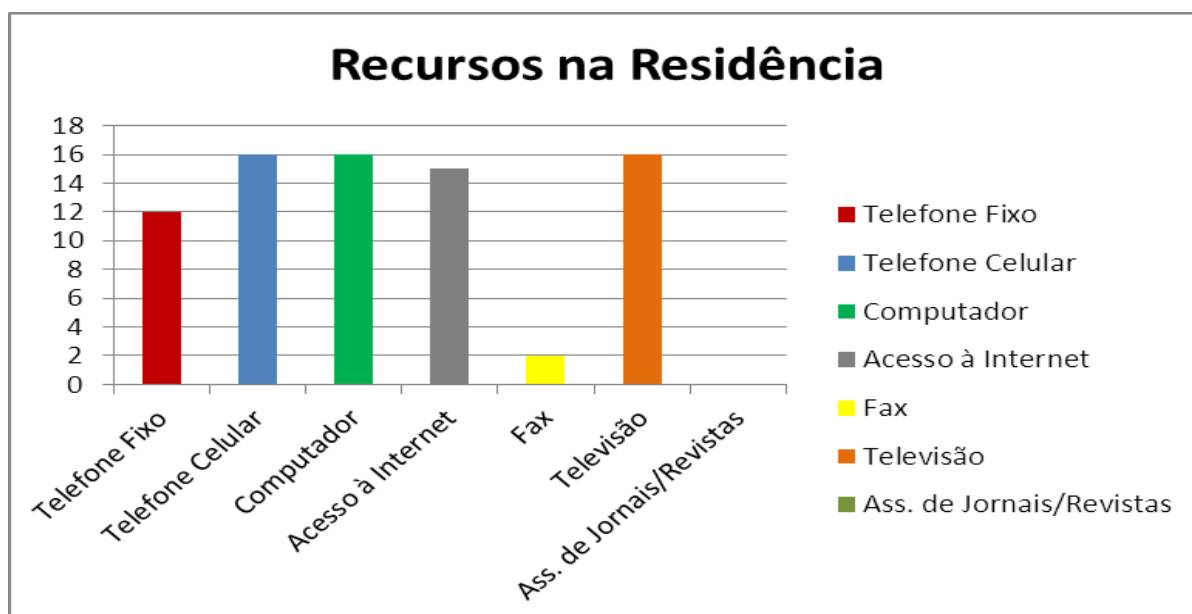


Gráfico 5 – Recursos disponíveis na residência dos docentes questionados em uma escola de técnico de enfermagem; Vespasiano, 2011.

Em relação ao número de filhos, 11 (68,75%) não possuíam filhos e cinco (31,25%) possuíam de 01 a 03 filhos, como ilustra a Tabela 10:

Tabela 10: Número de filhos dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, Vespasiano, 2011.

Número de filhos	Valor absoluto	Valor relativo
Nenhum	11	68,75%
De 01 a 03	05	31,25%
Total	16	100%

A Tabela 11 ilustra a opção religiosa dos docentes, sendo que 11 (68,75%) eram católicos, dois (12,50%) eram espíritas, um (6,25%) era evangélico e dois (12,50%) não informaram.

Tabela 11: Religião dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, Vespasiano, 2011.

Religião	Valor absoluto	Valor relativo
Católicos	11	68,75%
Espíritas	02	12,5%
Evangélico	01	6,25%
Não informaram	02	12,5%
Total	16	100%

Em relação à renda mensal, a mesma mostrou-se variada, uma vez que seis docentes (37,50%) possuíam uma renda mensal de 1 a 3 salários; três (18,75%) possuíam entre 4 a 6 salários; dois (12,50%) possuíam entre 7 a 10 salários e cinco (31,25%) não informaram a renda mensal. Novamente observamos um número expressivo de docentes que não responderam a questão. Esses dados podem ser observados na Tabela 12:

Tabela 12: Renda mensal dos docentes de uma escola de Técnico de Enfermagem, Vespasiano, 2011.

Renda mensal	Valor absoluto	Valor relativo
De 01 a 03 salários mínimos	06	37,50%
De 04 a 06 salários mínimos	03	18,75%
De 07 a 10 salários mínimos	02	12,50%
Não informaram	05	31,25%
Total	16	100%

Dentre os entrevistados dois (12,50%) tinham experiência de trabalho em hospital, um (6,25%) tinha experiência em clínica especializada; cinco (31,25%) referiram experiência na atenção básica; cinco referiram experiência em outros locais e três (18,75%) não informaram esse item. Os dados encontram-se ilustrados no Gráfico 6:

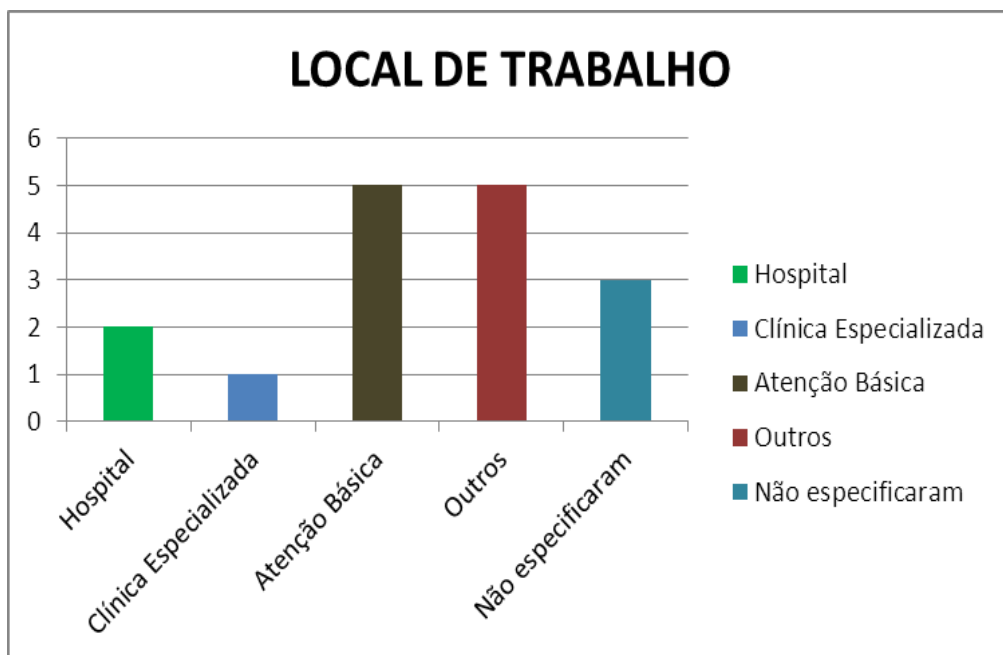


Gráfico 6 – Local de trabalho dos docentes questionados em uma escola de técnico de enfermagem; Vespasiano, 2011

A carga horária semanal dos docentes mostrou-se variada, sendo que sete docentes (43,75%) possuíam carga horária entre 1 a 10 horas semanais, dois (12,50%) possuíam carga horária entre 11 a 20 horas semanais, cinco (31,25%) possuíam carga horária entre 21 a 30 horas semanais, um (6,25%) possuía carga horária entre 31 a 40 horas e um (6,25%) não informou a carga horária como docente. Este dado encontra-se ilustrado na Tabela 13:

Tabela 13: Carga horária semanal dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, Vespasiano, 2011.

Carga horária/sem.	Valor absoluto	Valor relativo
De 01 a 10 h/sem.	07	43,75%
De 11 a 20h/sem.	02	12,5%
De 21 a 30h/sem.	05	31,25%
De 31 a 40h/sem.	01	6,25%
Não informaram	01	6,25%
Total	16	100%

A Tabela 14 refere-se ao tempo de exercício na docência. Observa-se que 13 docentes (81,25%) têm entre 1 a 5 anos de trabalho; um (6,25%) tem entre 6 a 10 anos e dois (12,50%) não informaram.

Tabela 14: Tempo de exercício na docência dos docentes de uma escola de técnico de enfermagem, Vespasiano, 2011.

Tempo na docência	Valor absoluto	Valor relativo
De 01 a 05 anos	13	81,25%
De 06 a 10 anos	01	6,25%
Não informaram	02	12,5%
Total	16	100%

No que se refere local de residência, obteve-se os seguintes achados: dez docentes (62,50%) residem em Vespasiano, mesmo local da escola técnica em questão, dois (12,5%) residiam em São José da Lapa, um (6,25%) residia em Belo Horizonte, um (6,25%) residia em Santa Luzia e um (6,25%) não informou local de residência. Observa-se essas informações no Gráfico 7:

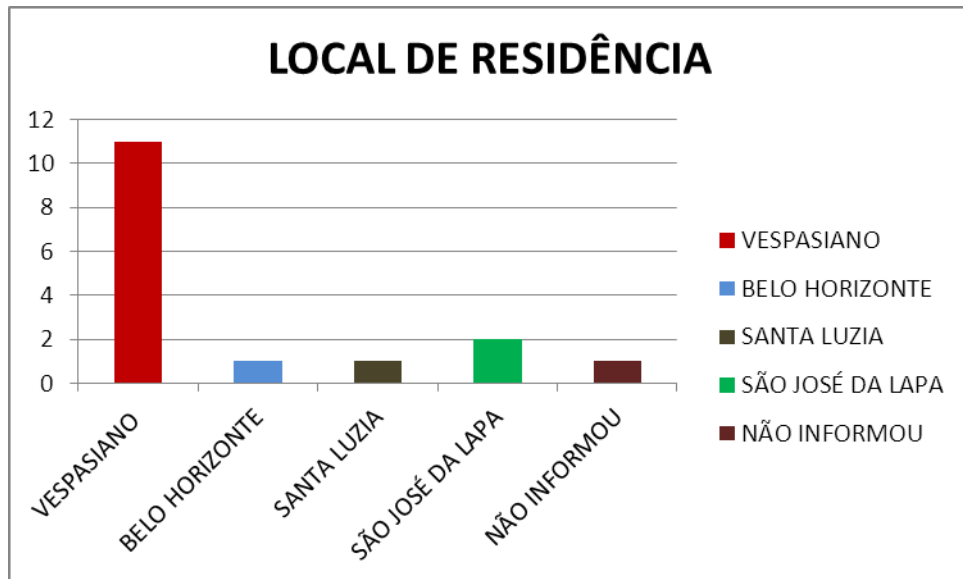


Gráfico 07 – Local de residência dos docentes entrevistados em uma escola de técnico de enfermagem; Vespasiano, 2011.

6 – DISCUSSÃO

Quanto ao gênero, foi possível observar que o feminino foi predominante. Esse fato também é observado em outras áreas de ensino. Bassinello e Silva (2005) apresentam achados semelhantes em trabalho que aborda gênero e docência. Importante destacar que os docentes questionados eram na sua maioria enfermeiros. Lembramos que a enfermagem é exercida por um maior contingente feminino, o que certamente influenciou esse achado.

Em relação à idade, observamos que a grande maioria encontrava-se nas faixas de 26 a 30 anos e de 31 a 35 anos. Esses dados se contrapõem a outras pesquisas, uma vez que Bassinello e Silva (2005) observaram que a maioria dos docentes de um Curso Técnico em Enfermagem encontrava-se na faixa etária de 40 a 49 anos. Também pesquisa realizada sobre características do professor enfermeiro (FRIEDLANDER, MOREIRA, 2006), demonstrou que a maioria estava na faixa dos 40 anos. Relembramos que muitos enfermeiros recém-formados e muito jovens partem para a docência sem experiência de trabalho nas diversas áreas assistenciais, o que pode inclusive comprometer a qualidade do ensino.

No que se refere à formação, a grande maioria era constituída por enfermeiros. Os outros profissionais pertenciam a áreas afins (psicologia, fisioterapia, odontologia, biologia). Considera-se interessante o fato de haver profissionais graduados em outras áreas, embora muito próximas da enfermagem, o que pode caracterizar a presença do aspecto interdisciplinaridade na formação do profissional técnico de enfermagem.

Observou-se nesse estudo que o tempo em que os docentes concluíram a graduação mostrou-se variado, porém os que apresentavam maior tempo de formados colaram grau entre 2006 e 2008. Dessa forma, a maioria encontrava-se com experiência profissional de no máximo cinco anos. De acordo com Ferreira Junior (2008), o fato de o professor apresentar mais tempo de formado é visto como um fator positivo, à medida que confere maior segurança e suporte para as ações educativas, embora o mesmo autor pondere que não se pode afirmar que exista uma correlação positiva entre maior experiência profissional e melhor desempenho na docência.

Quanto a cursos de especialização, observou-se que o número de docentes com pós graduação *latu senso* era o mesmo dos que não possuíam, embora dois docentes estivessem cursando esta modalidade. Estudo realizado por Roccha e Felli (2004) constatou que todos os docentes de enfermagem haviam cursado pós-graduação *latu* ou *strictu senso*, sendo que a maioria apresentava mais de uma especialização. No entanto, esses achados se referiam a professores universitários. Silveira e Corrêa (2005) afirmam que são poucos os docentes dos cursos técnicos de enfermagem que possuem título de licenciatura, formação pedagógica ou docência para educação profissional de nível técnico na área da saúde. Sugere-se que as escolas de técnico de enfermagem estimulem seus docentes na busca de aprimoramento didático e profissional, o que certamente irá interferir positivamente na qualidade do trabalho.

Quanto à escolaridade anterior à graduação (níveis fundamental e médio), não houve relatos de formação na modalidade supletivo. Entretanto, 68,65% não responderam esse item, o que compromete a avaliação dos resultados, uma vez que se trata de um percentual expressivo.

Quanto à formação técnica, considera-se o achado pouco relevante, embora três docentes possuíssem esse nível de formação. Destaca-se que não havia entre os mesmos a formação de técnico de enfermagem, mas sim em contabilidade, análises químicas e secretariado.

No que tange ao tipo de instituição de formação da graduação, apenas três docentes são egressos de instituições públicas. Destaca-se que há existência de 126 cursos de graduação em enfermagem no estado de Minas Gerais, na modalidade presencial, que apresentaram expansão a partir do ano 2000. A maioria maciça pertence a instituições privadas (SILVA, SENA, TAVARES, MARTINS, 2011).

Sobre a existência de mais de um curso de graduação, esse estudo mostrou que apenas um docente possuía duas graduações. Tratava-se de profissional com graduação em enfermagem e outro curso não especificado.

Dado interessante refere-se a docentes com capacitação pedagógica. Observa-se que não havia nenhum docente formado pelo CEFPEPE. Acredita-se que essa realidade tende a mudar, uma vez que esse curso está formando sua segunda turma nesse início de 2012. As demais especializações foram citadas pelos docentes, mas não especificadas.

Não havia dentre os pesquisados docentes com título de mestre. Destaca-se que o primeiro curso de mestrado em enfermagem no Brasil foi criado no Rio de Janeiro, em 1972 (RODRIGUES *et al*, 2008), data relativamente recente, e, dessa forma, somente nas últimas décadas tem se observado um maior contingente de enfermeiros mestres no Brasil.

Observou-se que a maioria dos docentes possuía casa própria. Relembra-se que atualmente, há programas governamentais destinados à aquisição de casa própria. Por conseguinte, esse bem tem se tornado mais acessível à população.

Os recursos na moradia dos docentes mostraram que o telefone celular já faz parte da realidade brasileira, uma vez que 100% dos questionados possuíam esse recurso. O computador e a internet também já fazem parte do cotidiano. Os achados desse estudo indicam que todos possuíam computador na residência e quase todos (93,75%) dispunham de internet, recursos já arraigados aos costumes brasileiros.

Sobre o número de filhos, observou-se que a maior parte dos docentes não tinha filhos. Acredita-se que esse dado possa estar relacionado à idade dos mesmos, na qual a maioria se encontrava na faixa de 26 a 30 anos, e dessa forma, ainda distante do final da idade reprodutiva, considerando-se que a maioria dos docentes pesquisados era constituída por mulheres. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a idade reprodutiva de mulheres vai de 15 a 49 anos.

A religião apresentou-se variada, uma vez que havia entre os entrevistados representantes de várias religiões. No entanto, o predomínio foi da religião católica. Azevedo (2004) sugere que a igreja católica seja uma instituição dotada de poder tradicional e, ao mesmo tempo, carismático, o que talvez justifique seu maior número de seguidores no Brasil.

A maioria dos docentes possuía renda de um a três salários mínimos. Porém, cinco docentes não responderam a esse dado, o que dificultou uma maior avaliação das características sociais dos mesmos.

Percebe-se que lecionar seja uma das atividades de alguns dos questionados, mas não a única. A maioria trabalhava paralelamente em hospitais, clínicas e rede básica.

Constatou-se que a maioria dos docentes realizava uma jornada semanal de uma a dez horas. Santos e Cassiano (2000) encontraram resultados semelhantes e afirmam que muitos docentes de curso técnico de enfermagem são contratados

como “horistas”, sendo esse um aspecto preocupante, uma vez que, segundo os autores, interfere em um plano de carreira mais consolidado.

Quanto ao tempo de exercício na docência, observou-se que a maioria trabalhava na área em tempo que variava de um a cinco anos. Esse achado é corroborado por Bassinello e Silva (2005), que afirmam que a maioria dos docentes de curso técnico de enfermagem encontra-se iniciando a carreira profissional. Lembra-se que o maior tempo de prática pedagógica é visto como um fator positivo, pois fornece maior segurança, tranquilidade e suporte para a realização das atividades didático-pedagógicas (FERREIRA JUNIOR, 2008).

Neste estudo, observou-se que a maioria dos docentes residia em Vespasiano, o que facilitava seu trajeto para o trabalho. No entanto, alguns residiam em municípios vizinhos. Acredita-se que a qualidade de vida certamente perpassa por distância entre a moradia e o local de trabalho, uma vez que a economia de tempo de trajeto resulta em estímulo para realização de outras atividades.

7- CONCLUSÃO

Conclui-se que são muitos os trabalhos que abordam o ensino técnico de enfermagem, porém são escassos os estudos que tratam essencialmente do perfil do docente do ensino profissionalizante. O desenvolvimento de estudos sobre esse tema visa a contribuir na capacitação e educação continuada dos profissionais que atuam nessa área, além de mostrar as mudanças da educação, avaliação de seu trabalho frente ao que se encontra em evidência enquanto didática e pedagogia.

Fica evidente que a docência no ensino técnico em enfermagem é um mercado em crescente expansão, porém oferecendo contratos temporários que constituem opções secundárias de trabalho para os docentes, o que faz com que muitos dos profissionais se afastem dos projetos de formação adequada dessa área. Outro aspecto importante que deve se considerar é a atual estrutura dos cursos de licenciatura, que ainda está longe de oferecer os subsídios de que o docente precisa para se instrumentalizar no exercício das atividades de ensino, principalmente em relação às matérias específicas dos cursos profissionalizantes.

Sugere-se que os docentes do ensino profissionalizante desenvolvam mais pesquisas sobre o mundo do trabalho na educação e desempenho de suas funções, para contribuir com o ensino e incentivar os próprios profissionais no que tange às produções científicas.

8. REFERÊNCIAS

AGUIAR NETO Zenaide, SOARES Cássia Baldini. A qualificação dos atendentes de enfermagem: transformações no trabalho e na vida. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v.12, n.4, p. 614-622. 2004

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados*, v.18, n.52, p. 109-20. 2004.

BARREIRA, Ieda de Alencar. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v.7, n.3, p. 87-93. 1999.

BASSINELLO, Greicelene A. H.; SILVA, Eliete Maria. Perfil dos Professores de ensino médio profissionalizante em enfermagem. *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, p. 76-82, 2005. Disponível em <www.facenf.uerj.br/v13n1/v13n1a12.pdf>. Acessado em: 15 de setembro de 2011

BRASIL. Parecer nº 75, do CESU, aprovado em 30 de janeiro de 1970. Normas para Cursos de Auxiliar de Enfermagem. *Documenta*, Rio de Janeiro, n. 110, p. 204-213, jan., 1970.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, Portaria n. 1262/GM de 15 de outubro 1999. Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem. Brasília, DF. 15 out. 1999

CARVALHO, R. S.; VIANA, L. O. A formação do enfermeiro docente do ensino médio profissionalizante na relação com o princípio da interdisciplinaridade. *Revista Eletrônica Enfermeria Global*, n. 15, fev. 2009.

COFEN- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. O exercício da enfermagem nas instituições de saúde no Brasil: 1982/1983. Rio de Janeiro, COFEn/ABEn, 1985.

COSTA, Carmem Cemires Cavalcante et al. Curso técnico de enfermagem do PROFAE-Ceará: a voz dos supervisores. *Texto contexto - enferm.* [online], v.17, n.4, p. 705-713. 2008.

DANTAS, Rosana Aparecida Spadoti; AGUILLAR, Olga Maimoni. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 7, n. 2, abr. 1999.

FERREIRA JÚNIOR M. A.; GRÍGOLI, J.A.G.; IVO, M.L. Ensino por competências em enfermagem: Interpretações e práticas pedagógicas. *R. Enferm. Cent. O. Min*, v.1, n.2, p.143-153, abr/jun. 2011

FERREIRA JUNIOR, Marcos Antonio. Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, p. 866-71, nov./dez. 2008.

FRIEDLANDER MR, MOREIRA MTA. Formação do enfermeiro: características do professor e o sucesso escolar. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 59, n.1, p 9-13. 2006.

GALLEGUILLOS, TGB.; OLIVEIRA, MAC. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v.35, n. 1, p. 80-7, mar. 2001.

ITO et al., O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v.40, n.4, p.570-5. 2006.

KOBAYASHI, Rika M. LEITE, Maria Madalena Januário. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. Revista Latino-Americana de Enfermagem, São Paulo, v.12, n.2, p. 221-227. 2004.

MACHADO MH. Profissões de saúde: uma abordagem sociológica. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1995.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Técnicas de pesquisa. In: _____ Fundamentos de metodologia científica. 4.ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003. cap. 9, p.166, 175 – 214.

MIOTO, R. C. T; LIMA, T. C. S. A dimensão técnico-operativa do Serviço Social em foco: sistematização de um processo investigativo. Revista Textos e Contextos, Porto Alegre, v. 8 n.1 p. 22-48. jan /jun2009.

MOTTA, M.G.C.; ALMEIDA, M.A. Repensando a licenciatura em enfermagem à luz das diretrizes curriculares. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 56, n. 4, p. 417-23, jul./ago. 2003.

OLIVEIRA, Janete Maria de; MAFTUM, Mariluci Alves; WALL, Marilene Lowen. Critério de avaliação de aluno: uma construção dos docentes do curso técnico em enfermagem do CEPE. Revista Cogitare Enfermagem, Minas Gerais, p. 26-33, jan./abr. 2005.

OLIVEIRA, Lavínia Santos de Souza; LAMPE, Glória Nicoladelli; MARTINS, Cleide Lavieri MIYASHIRO, Sueli Yuriko. Profissionalização de atendentes de enfermagem no Estado de São Paulo: um estudo sobre a oferta e demanda de formação Revista Latino-Americana de Enfermagem, São Paulo, v.10, n.5, p. 637-643. 2002.

PINHEL, I.; KURCGANT, P. Reflexões sobre competência docente no ensino de enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 41, n. 4, 2007.

RIBEIRO, Maria Inês Lemos Coelho; PEDRÃO, Luiz Jorge. Relacionamento interpessoal no nível médio em enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, vol. 58, n. 3, maio/jun. 2005

ROCHA, Sandra de Souza Lima FELLI, Vanda Elisa Andres. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v.12. n.1, p.28-35, 2004.

SA, Samuel. Interdisciplinaridade e suas práticas em documentos de "avaliação e perspectivas" do CNPq 1978, 1982. *Cad. Saúde Pública*. v.3, n.3, p 280-296. 1987.

SANTOS, Lúcia Helena Pereira dos; CASSIANI, Silvia Helena De Bortoli. Vivendo em constante conflito: o significado da prática docente no ensino médio de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 5, p. 58-6, 2000.

SCHERER, Zeyne Alves Pires; SCHERER, Edson Arthur CARVALHO, Ana Maria Pimenta. Reflexões sobre o ensino da enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v.14, n.2, p 285-291, 2006.

SILVEIRA, Renata; CORRÊA, Adriana Kátia. Análise integrativa da literatura (1999-2003): ensino em educação profissional em enfermagem. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, p. 91-96, 2005.

UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem (CEFPEPE). 2008. Disponível em: <http://www.enf.ufmg.br/site_novo/modules/mastop_publish/files/files_4c1783f50e8f4.pdf>. Acessado em: 23 de novembro de 2011.

VALENTE, G. S. C.; VIANA, L. O. A formação do enfermeiro para o ensino de nível médio em enfermagem: Uma questão de competência. *Revista Eletrônica Enfermeria Global*, n. 9, nov. 2006.

ZOCHE, Denise Antunes de Azambuja. Educação profissional em saúde: reflexões sobre a avaliação. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, p. 281-295, jul. 2007

ANEXO 1 – MODELO DO QUESTIONÁRIO**INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS****Perfil do Professor de Curso Técnico de Enfermagem**

QUESTIONÁRIO Nº _____

1 – Sexo: Masculino Feminino2 – Religião: Católico Espírita Evangélico Outros3 – Estado Civil: Solteiro Divorciado Casado Viúvo (a)4 – Idade: < 20 20 – 25 26 – 30 31 – 35 35 – 40 41 – 45
 46 – 50 > 505 – Número de Filhos: 0 1 a 3 Mais de 36 – Residência: Própria Alugada Cedida7 – Recursos na residência: Telefone Fixo Telefone Celular Computador Acesso à Internet Fax Televisão Assinatura de Jornais/Revistas

8-Escolaridade:

8.1 Nível fundamental regular supletivo8.2 Nível médio regular supletivo8.2 Nível de graduação Sim

Não Especifique: _____

9 – Formação Profissional:

9.1 Nível Técnico: Não Sim Especifique: _____

9.2 Graduação em Enfermagem:

 Instituição Pública Instituição Privada

Ano de Formatura: _____

9.3 Outro curso de graduação: Não Sim

Especifique _____

 Concluído Em Andamento

9.4 Pós-Graduação:

9.4.1 Especialização CEFPEPE (último módulo concluído): _____

9.4.2 Outra Especialização: Não Sim

Concluído Em Andamento

9.4.3 Mestrado: Não Sim

Concluído Em Andamento

9.4.5 Outros:

Especifique: _____

10 -Marque no quadro abaixo as alternativas que expressam suas experiências profissionais no momento atual e no passado. Por gentileza faça seus comentários dentro do quadro abaixo.

AREA TIPO DE SERVIÇO:

ATUAL /ESPECIFICAR

FUNÇÃO NO PASSADO / ESPECIFICAR

FUNÇÃO SERVIÇO DE SAÚDE :

Hospital

Clínica Especializada

Atenção Básica

Outros

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO

Termo de consentimento livre e esclarecido

Nós, coordenadores, professores e alunos do Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem (CEFPEPE) estamos desenvolvendo a pesquisa “Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2008, nos oito Pólos que compõem o sistema UAB/MEC/UFMG”.

O objetivo central deste estudo é avaliar a implantação e implementação da formação pedagógica dos enfermeiros, desenvolvida na modalidade de educação à distância (EAD) e realizada nos Pólos de atuação da UAB/MEC/UFMG. Compõem esta pesquisa, entre outros temas os seguintes:

- 1 - Perfil do aluno do CEFPEPE;
- 2 - Percepção do aluno do CEFPEPE sobre o curso à distancia;
- 3 - Perfil do tutor do CEFPEPE;
- 4 - Perfil do aluno do curso técnico em enfermagem;
- 5 - Perfil do professor de cursos técnico de enfermagem.
- 6 - Perfil do candidato ao CEFPEPE, turma 2010.

Estes temas constituiram também Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de alunos do CEFPEPE.

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG – Parecer nº. ETIC 161/2009. Embora não haja benefícios diretos para a sua participação nesta pesquisa, ela oferecerá a você a oportunidade contribuir com a produção do conhecimento científico em enfermagem.

Sua participação nesta pesquisa implicará em responder os questionários que lhe serão apresentados por membros da pesquisa. Todas as informações obtidas de você permanecerão confidenciais. Sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária e sua decisão de não participar não terá qualquer implicação para você. Todos os procedimentos da pesquisa não trarão qualquer risco a sua vida ou a sua saúde.

Caso você tenha, ainda, alguma outra dúvida em relação à pesquisa, ou quiser desistir em qualquer momento, poderá comunicar-se pelo telefone abaixo.

Coordenadora do Projeto: Zídia Rocha Magalhães
Fone (31)2555-3429 / (31) 3409-9170 E-mail: zidia@ufmg.br. Escola de
Enfermagem da UFMG - Av. Alfredo Balena, 190 – Sala 100B – Santa Efigênia.
COEP-UFMG: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar
– Sala 2005 – CEP: 31.270-901 – BH-MG – Telefax (31) 3409-4592 e
mail:coep@prpq.ufmg.br .

Eu, _____, fui esclarecido (a) sobre a
pesquisa: “Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2010, nos oito
Pólos que compõem o sistema UAB-MEC/UFMG” e concordo em participar da
mesma respondendo o questionário a mim enviado.

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura: _____

RG: _____